

A Construção da Identidade de Professores do Campo: Um Novo Passo Rumo à Valorização da Cultura Camponesa

Miranilde Oliveira Neves¹

Resumo

Este artigo visa demonstrar contribuições pedagógicas que o professor do campo tem recebido durante o processo de formação, por meio do projeto Procampo - Curso de Licenciatura em Educação do Campo, especificamente na Amazônia, no Brasil, o qual é organizado por várias Instituições Públicas de Ensino Superior Brasileiras. Com este estudo, o leitor entenderá que há uma nova forma de trabalhar prática e teoria em um curso acadêmico: a pedagogia da alternância, a qual é composta por duas partes: Tempo Acadêmico e Tempo Comunidade e possui oito temas norteadores - todos relacionados ao espaço socioambiental no qual vivem os professores do campo. Neste artigo haverá destaque para o primeiro tema estudado: História de Vida e Construção de Saberes. A fundamentação teórica está baseada especialmente em Arroyo (2000), Arroyo, Caldart e Molina (2009), Caldart (2010) e Peres (2011).

Palavras-chave: Professor do Campo; Pedagogia da Alternância; Identidade

Introdução

O estudo em questão é um contributo no que diz respeito à formação de educadores do campo e pretende analisar a identidade destes educadores durante o processo de formação no interior da Amazônia - Norte do Brasil.

A pesquisa em questão iniciou a partir da observação das histórias de vida dos professores em formação, quando estes ingressaram no Curso de Licenciatura em Educação do Campo - PROCAMPO, o qual abrange todo o território nacional e diversas Instituições Brasileiras. Este curso nasceu a partir da necessidade de o Governo Brasileiro melhorar a qualidade de ensino na zona rural, ao verificar as dificuldades

¹ Doutoranda em Ciências da Educação na UTAD - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro - Vila Real. E-mail: miranilde.oliveira@ifpa.edu.br

educacionais dos sujeitos do campo nos mais diversos âmbitos: idade inapropriada para determinadas séries, professores urbanos que ministravam disciplinas no campo e desconheciam a realidade camponesa, problemas de locomoção de alunos do campo para a cidade, devido ao fato de não haver professores para determinados níveis educacionais no âmbito rural, como por exemplo, o ensino médio, dentre outros fatores. O referido curso foi implantado em várias Regiões e diferentes Estados da Federação Brasileira e firmou-se com intensidade, especialmente na Região Norte – Coração da Amazônia – pois a quantidade de professores no campo que ainda não possuíam e possuem Ensino Superior em qualquer das Licenciaturas no Norte do Brasil é muito grande.

Este artigo objetiva apresentar uma experiência de professores e alunos de uma Instituição de Ensino Superior no Estado do Pará e permitir que o leitor reflita sobre as práticas educacionais existentes no contexto didático-pedagógico, a partir das vivências dos sujeitos envolvidos no Curso de Licenciatura em Educação do Campo – PROCAMPO. E ainda, tentará entender como está a ser formada a identidade desses professores do campo, ao se observar a presença ou não do devido respeito à cultura camponesa nos processos de formação inicial e continuada desses sujeitos. Este trabalho abordará no primeiro momento a implantação do curso na Amazônia, seu trajeto e destacará as principais dificuldades e avanços que permearam o curso no início do seu processo de implantação.

Em seguida, será discutida a importância de se articular a matriz curricular dentro da Pedagogia da Alternância, como forma de compreender adequadamente a prática pedagógica no decorrer do curso, para assim perceber os vários saberes e a forma que estes professores do campo ensinam em suas comunidades e aprendem na academia. Ao final, serão apresentados os resultados alcançados nos três primeiros anos do curso e sua contribuição para a formação da identidade dos professores do campo e pela observação do respeito, ou não, à cultura desses professores em formação. Portanto, com esta pesquisa, pretende-se debater especialmente sobre: quem são esses professores do campo e em que sentido o Ensino Superior tem modificado suas vidas no âmbito escolar, nas comunidades onde vivem e em outros contextos de formação?

Todos os leitores são convidados a investigar tais fatores e a perceber que os avanços caminham ao lado de alguns estereótipos, que precisam ser extirpados dos meios social e educacional e também a refletir sobre o que vem a ser a pedagogia da alternância – método pedagógico utilizado neste curso de Licenciatura.

PROCAMPO – Complexidades a Serem Superadas na Região Amazônica

Quando o nativo da Amazônia se olha no espelho, vê lá no fundo dos seus olhos um sinal de que não foi feito para obedecer a certas leis, especialmente econômicas. Por isso, a leseira é algo alusivo, pode ser uma forma aguda de esnobismo ou uma ironia. Ela é, às vezes, pacífica; outras vezes, ostensiva, mas nunca rápida demais a ponto de ferir o ritmo do banheiro, que é o ritmo regional. (Souza, 1994, p. 125)

São muitos os desafios dos sujeitos do campo, porém, como se percebe no texto de Souza (1994), a criticidade está a tomar seu espaço entre os povos camponeses. Observa-se, no trecho acima, que por mais que o caboclo (camponês) da Amazônia seja considerado despercebido, há, nesse caboclo, um desejo de ser visto e reconhecido como um sujeito merecedor de atenção e de um espaço social que antes lhe tinha sido negado – espaço que em outras épocas era ofertado apenas àqueles que se fixavam nas grandes capitais: o direito à educação. Não seria, portanto, o lugar, que impediria a implantação de projetos e programas de nível superior nas comunidades mais distantes da Amazônia.

De acordo com o texto, com um jeito esnobe ou irônico, o camponês vai demonstrando que tem seu espaço e precisa protegê-lo e de alguma forma marcá-lo. Por ser uma região de tamanho continental, de difícil acesso em grande parte da sua área territorial e ter boa parte da população com baixo poder aquisitivo e sem acesso a muitos cursos profissionalizantes e de formação continuada, além da falta de valorização da cultura camponesa, era jus que alguma medida no âmbito das políticas públicas fosse tomada, a fim de que os professores da zona rural (campo) pudessem ter a formação que necessitavam para o bom andamento da qualidade de ensino ofertada às crianças e jovens das cidades interioranas da Amazônia. Foram, principalmente, estes fatores que exigiam a implantação do Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

Outro fator importante foi a preocupação de se apresentar à sociedade paraense, em especial aos professores do campo que trabalham nas séries iniciais, a oportunidade de cursarem uma Licenciatura que os habilitasse a continuar o trabalho que já vinham desenvolvendo no campo. Porém, com a possibilidade de após a conclusão do Curso ministrarem aulas tanto no Ensino Fundamental Maior (6º ao 9º ano) quanto no Ensino Médio. Estes educadores, que só possuem habilitação para ministrar aulas nas séries iniciais (1º ao 5º ano); com o curso passariam a ter a oportunidade de continuar a ensinar na zona rural onde trabalham e assim fortalecer a cultura do campo. Segundo o Projeto Pedagógico do Curso, os alunos serão habilitados em duas

grandes áreas do conhecimento: Ciências Humanas e Ciências Naturais/Matemática, respeitando-se o contexto camponês.

Não valorizar o povo do campo da mesma forma como se valoriza o da cidade é contribuir para um alargamento da desigualdade social, uma vez que hoje “A escola alimenta-se de preconceitos sociais que vêem nas crianças pobres uma incapacidade para aprender e uma menor valorização dos estudos em suas vidas” (Fernandes, Rozenowicz, & Ferreira, 2004, p. 32).

Foi um verdadeiro desafio implantar no Estado do Pará o Curso de Licenciatura em Educação do Campo, pois apesar de o Pará ser considerado palco de luta dos Sem-Terra - Trabalhadores Rurais e já possuir um considerável número de assentamentos onde os assentados estudam através, por exemplo, do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA, muitos ainda questionaram por que levar o Ensino Superior a estes sujeitos. Porém, o apoio e os incentivos do Governo Federal não nos deixaram hesitar frente ao fato de que os paraenses tivessem em suas várias localidades um curso de Licenciatura, que traria qualidade de ensino e, indubitavelmente, mais qualidade de vida, não apenas aos professores envolvidos no programa, mas também às suas famílias e a toda a comunidade ao seu redor.

Outro desafio era subsidiar o programa com infraestrutura adequada para o seu desenvolvimento. Porém, os recursos foram-nos apresentados logo após a aprovação do curso, o que até hoje está beneficiando os alunos-professores.

O acompanhamento e a avaliação do desenvolvimento do Programa também não se eximem de constituir verdadeiros desafios quanto à formação e qualificação dos professores. No decorrer dos três anos de implantação do curso, a dedicação dos alunos-professores tem demonstrado que a criação do Curso foi uma solução para iniciar o processo de mudança na qualidade de ensino no campo. Prova disso, é a quase ausência total de evasões. Há pólos em certos municípios, por exemplo, que de uma turma de sessenta alunos, após quatro semestres de curso, apenas três alunos abandonaram a formação.

Percebe-se, assim, que os professores das séries iniciais do interior do Norte do Brasil estavam realmente necessitando de políticas públicas que os valorizassem, e que, a implantação do curso era imprescindível para a mudança na prática educativa desses sujeitos.

Implantação do Curso no Estado do Pará

A realidade educacional no Brasil nos mostra um quadro bastante diferenciado quando se considera os dados estatísticos das regiões que compõem a Federação

Brasileira. Para exemplificar, um estudo de 2005 do INEP (Instituto Nacional de Ensino e Pesquisa), nos mostra que a região Norte – local desta pesquisa –, possuía um número de matrículas na educação básica total de 5.351.934 alunos; no mesmo ano, a região Sudeste brasileira apresentava um total de matrículas na educação básica de 21.709.637, totalizando dependências administrativas nos níveis federal, estadual, municipal e Instituições privadas.

Tal situação nos leva a refletir sobre a questão geográfica e as desigualdades encontradas entre as regiões brasileiras no contexto campo-cidade. A respeito de tamanha desigualdade Aued e Vendramini (2009) afirmam que

O campo é mais do que o espaço não-urbano, a diversidade implica a própria capacidade e criatividade humana em buscar construir as condições de sobrevivência em diferentes territórios, desse modo, as questões de desigualdades, injustiças, diferenças e pertencimentos contribuem nessas tecituras. A educação do Campo acontece com a vida de trabalhadores rurais do campo, muito além das demarcações geopolíticas ruralistas e dos pressupostos pedagógicos urbanocêntricos. (p. 56)

Outros estudos apresentam a zona rural e elencam aspectos como: tamanho da rede a ser atendida, matrícula, níveis de ensino ofertados, infraestrutura, recursos humanos, fluxo dos alunos e desempenho escolar, o que reforça a ideia de que as políticas voltadas para a educação do campo devem considerar as especificidades da realidade rural, com vista a alcançar um desenvolvimento sustentável. É o que consta, por exemplo, no *site* do INEP/MEC de 2007.

Tais fatores contribuíram para que as iniciativas institucionais fossem criadas nesse âmbito, com uma agenda pública voltada para o encaminhamento de políticas para a educação do campo e o envolvimento de segmentos da sociedade organizada. É fundamental que seja levada em conta a riqueza de conhecimentos que essas populações trazem de suas experiências cotidianas. Afinal, o que se está a fazer pela cultura e identidade desses camponeses que tanto contribuíram e contribuem para a formação do povo brasileiro?

Os projetos educativos devem partir das vivências dos educandos e estes devem ser instigados a procurar a mudança, a lutar por seus ideais, a sair do mundo da opressão e encontrar a liberdade, liberdade esta que pode surgir quando se faz uso da criticidade e se luta por melhores condições de ensino, pois como disse Freire (1983)

No momento, porém, em que se comece a autêntica luta, para criar a situação que nascerá da superação da velha, já se está lutando pelo Ser Mais. E, se a situação opressora gera uma totalidade desumanizada e desumanizante, que atinge aos que oprimem e aos oprimidos, não vai ceder, como já afirmamos,

aos primeiros, que se encontram desumanizados pelo só motivo de oprimir, mas aos segundos, gerar de seu ser menos a busca do ser mais de todos. (p.19)

É preciso que os professores em formação tenham mais sensibilização a respeito da importância de seu papel na sociedade, do poder que têm em mãos, principalmente, quando passam a conhecer e a lutar por seus direitos. É preciso dar e ter em consideração a Voz aos educandos. Urge, que o professor em formação, dote-se de seu poder político. A esse respeito já nos dizia Giroux (1997):

Tornar o político mais pedagógico, significa utilizar formas de pedagogia que incorporem esses interesses políticos que tenham natureza emancipadora; isto é, utilizar formas de pedagogia que tratem os estudantes como agentes críticos; tornar o conhecimento problemático; utilizar o diálogo crítico e afirmativo; e argumentar em prol de um mundo qualitativamente melhor para todas as pessoas. (p.163)

Este exemplo demonstra a necessidade de provar que por meio das práticas educativas é possível se ter na escola e para além dela, cidadãos mais conscientes, críticos e promotores de mudança no mundo em que vivem. Tal procedimento:

(...) exige tomar partido nos projectos que acreditamos, dando possibilidades a todos e a cada um de exercer os seus direitos e deveres, de viver experiências e cruzar conhecimentos, intervindo na conscientização dos problemas e das necessidades comuns, participando democraticamente na construção de uma cidadania reflexiva e crítica – uma cidadania profissional responsável. (Peres, 2011, p.127)

Nota-se, desta forma, que a criação do Curso de Licenciatura em Educação do Campo era necessária até mesmo para firmar, confirmar e valorizar o professor do campo. De contrário, que cidadania exercida seria essa? O campo possui muitas complexidades e dificuldades diferentes das que são encontradas nos centros urbanos. Então, é apenas conhecendo a realidade camponesa e apresentando propostas de intervenção social adequadas a essa realidade, que se poderá afirmar, realmente, que há uma preocupação na formação de professores.

A Formação da Identidade do Educador do Campo: um Processo em Construção

É do conhecimento de grande parte da sociedade que nenhuma identidade já está totalmente formada, uma vez que, a construção da identidade é um fator que depende de muitos outros e se modifica a partir de quaisquer ações, em qualquer espaço e em épocas distintas. Logo, com o educador do campo não poderia ser diferente. Nesse âmbito, essa construção deve receber ainda maior atenção, pois são sujeitos que já têm uma identidade que os marca como pertencentes a uma comunidade rural e que agora sairão de seu espaço, a fim de receber uma formação na cidade. Esta formação já se fazia necessária, pois

Era preciso criar procedimentos que obrigassem à prática do diálogo no processo educativo, que obrigassem ao desenvolvimento da autoridade interna, que levassem o educando à prática do autogoverno, e à busca de participação e ingerência na construção da vida coletiva, e ao aprofundamento da capacidade de reflexão sobre os desafios da vida individual e da vida social na comunidade. (Beisiegel, 1979, p. 36)

Arroyo, Caldart e Molina (2009) ressaltam que

(...) quando o Movimento da luta for capaz de combinar a cultura do direito à escola com a cultura do dever de estudar, e estudar nesse sentido mais amplo de que aqui se trata os sujeitos que vão sendo formados neste Movimento passam a algo mais do que ter ou não ter escola. Passam a discutir também que escola querem ou precisam. (p. 113)

O sujeito do campo não pode ter a sua formação educacional sob o formato ideológico urbano e este sujeito tem consciência de que é essa educação diferenciada, adequada à sua realidade e da sua comunidade que fará com que ele se identifique como pertencente real do contexto educacional camponês.

Os professores do campo que ainda não possuem nível superior, já contribuem para a formação de uma sociedade mais igualitária no campo. Nesse sentido, o curso só veio permitir que esse processo de cidadania se concretizasse de maneira mais efetiva entre os sujeitos do campo.

Despertar a sociedade para a nova realidade do campo é um desafio que vem sendo superado com sucesso em algumas comunidades brasileiras, porém as marcas de desigualdade quanto à educação do campo ainda são visíveis em certos locais: muitos alunos ainda estudam sob situação precária de ensino, sem material pedagógico adequado e sem os profissionais qualificados que merecem. É dentro deste contexto

que os alunos nas séries iniciais estão sendo formados e são estas algumas das dificuldades que enfrentam nossos licenciandos em suas comunidades na zona rural. É preciso entender as experiências de vida das comunidades camponesas e adentrar na sua realidade para que se possa ter a certeza de como está sendo formada essa identidade, quais são suas significações e o que seriam suas ressignificações no contexto educacional. Sobre isso, Arroyo, Caldart e Molina (2009) já afirmavam:

A impressão que eu tenho é que há muita variedade de experiências, com significados muito deferentes, e o que importa é tentarmos entender estes significados, para não simplesmente aceitar tudo, mas para juntos nos colocar a seguinte questão: dessas experiências quais delas ou que aspectos delas serão constitutivos de uma educação básica do campo? (p. 71)

Esta é a reflexão que devemos fazer. E a partir dela será possível verificar a importância do trabalho desenvolvido com os temas norteadores para cada módulo de estudo. O primeiro módulo parte da temática História de vida e construção de saberes. Em todas as oito diferentes disciplinas estudadas, ou seja, independentemente de a disciplina ser Leitura e Produção de Textos, Filosofia, Sociologia, ou outra qualquer, houve a necessidade de se envolver as histórias de vida dos alunos em formação, o que serviu como ponto de partida para se iniciar a compreensão real da identidade e da cultura dos sujeitos camponeses.

A Construção de Saberes a Partir de Experiências de Histórias de Vida

Uma das componentes curriculares que muito contribuiu para uma melhor e maior reflexão a respeito de quem realmente é o educador do campo foi a Prática Educativa. Esta componente – que está presente em todos os módulos do curso – tem o compromisso de superar as concepções e práticas educativas fragmentadas e homogeneizadoras e também contribuir com a ressignificação da organização da escola do campo.

No Curso de Licenciatura em Educação do Campo, a Prática Educativa é primordial e atua como componente integradora da matriz curricular e dos temas de que tratam os módulos. Ao longo do curso, o processo de interdisciplinaridade, que deve estar presente na integração entre as disciplinas e acompanhar a matriz curricular nos seus vários conteúdos, mostrou sua importância na formação dos sujeitos do campo. A Licenciatura em Educação do Campo trabalha com a proposta da Pedagogia da Alternância, o que proporciona aos educandos o direito de estudarem no contexto: Tempo Acadêmico e Tempo Comunidade. Inicialmente foi necessário esclarecer

todos os envolvidos no processo, que trabalhar com a Pedagogia da Alternância era um fator que exigia dedicação especial ao tempo em que os alunos estivessem em sala de aula (Tempo Acadêmico), mas também que seria necessário dispensar momentos para a pesquisa de campo, com a produção de um artigo (Tempo Comunidade) a cada seis meses. Este artigo teria como público alvo as comunidades onde estes professores em formação vivem e, para além disso, deveria considerar o tema estudado em cada semestre.

Houve dificuldade de compreensão da necessidade de articular teoria-prática de uma forma dinâmica e capaz de envolver tanto os alunos participantes do curso de Licenciatura quanto aos próprios professores, que se disponibilizaram para contribuir no processo. Neste sentido, a Pedagogia da Alternância envolveu não somente os professores orientadores do Tempo Comunidade, mas também os alunos-professores e todos os atores, sujeitos do campo com seus vários saberes, obrigando-os a pensar e repensar suas práticas educativas no espaço do Campo.

O Eixo “Histórias de Vidas e Construção de Saberes” foi o percurso da Prática Educativa I e enfatizou noções multidimensionais do ato educativo, articulou conhecimento científico e conhecimento popular dentro da ação educativa, em um diálogo sobre as histórias de vida dos professores do campo.

Pedagogia da Alternância na Educação do Campo

A pedagogia da alternância aplicada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, “(...) é uma estratégia da organização curricular com o objetivo de garantir a articulação intrínseca entre educação e a realidade específica das populações do campo, permitir o acesso e a permanência aos professores em exercício (...)” Barbosa (2012, p. 139).

A opção pela pedagogia da alternância partiu da necessidade específica de atendimento diferenciado ao público camponês, uma vez que este público necessitava ficar a maior parte do tempo na zona rural. Logo, apenas a parte teórica do curso seria ministrada duas vezes por ano na cidade (zona urbana). A responsabilidade pela componente prática seria dos professores formadores (os quais precisariam ir até às comunidades onde trabalham e vivem os alunos do campo, a fim de orientá-los no trabalho de pesquisa de campo) e dos professores em formação – alunos do Curso de Licenciatura em Educação do Campo. Estes ficariam responsáveis por produzir textos acadêmicos e por desenvolver pesquisas a partir de suas experiências cotidianas no âmbito educacional, cultural e social.

A pedagogia da alternância no Ensino Superior no Brasil está a ser mais difundida nas últimas décadas. Antes, esta se aplicava mais aos ensinos fundamental e médio - Nível básico. Este foi, portanto, um dos motivos que determinou a aplicação da alternância no Ensino Superior. A esse respeito, Barbosa (2012, p. 140) diz que (...) seria preciso construir uma proposta de alternância para a formação de professores em nível superior, atendendo às especificidades do contexto universitário, dos sujeitos (já adultos) e às demandas da realidade dos territórios de abrangência”.

A pedagogia da alternância - dividida em Tempo Comunidade (TC) e Tempo Acadêmico - tem como ponto de partida pressupostos de ordem sociológica e pretende valorizar a comunidade camponesa - moradores de forma geral e professores do campo. Nesse sentido a prática educativa aplicada ao curso “(...) acaba sendo aceleradora de dimensões pedagógicas importantes na formação dos educadores, entre elas a de intencionalizar o processo de formação na perspectiva da práxis, no que as atividades de pesquisa podem contribuir significativamente” (Caldart, 2006, citado em Medeiros, 2012, p. 175).

Pode-se, portanto, afirmar que é possível com a alternância, formar professores reflexivos, críticos e que valorizem suas comunidades e o contexto no qual estão inseridos. Urge a necessidade de construção de um diálogo entre os sujeitos que saem da formação para formar e os que estão à espera de formação nas comunidades da zona rural com contribuição desses sujeitos - que voltam da cidade para o campo com contribuições essenciais à manutenção da cultura, língua e valorização dos camponeses.

O Plano de Pesquisa do Tempo Comunidade no curso abrangeu o diálogo interdisciplinar das disciplinas integradoras do primeiro módulo: Filosofia, Sociologia, Metodologia Científica, História, Geografia, Matemática, Biologia e Química. Todas estas disciplinas estão articuladas sob o eixo “Histórias de Vidas e Construção de Saberes”. A contextualização de suas histórias de vida e de tantas outras de outros sujeitos é que permitiria a cada um deles construir um outro olhar sobre a(s) identidade(s) do Campo em seus espaços sociais e valorizar a própria cultura. Emergia a necessidade de que os alunos compreendessem que a identidade é plural, é produção e muda por intermédio dos conceitos sociais que se transformam historicamente. A identidade do Campo comporta outras identidades, da mesma forma que a Urbana é também composta de várias identidades.

Metodologia

Este trabalho foi motivado a partir da busca de respostas da pesquisadora no que diz respeito à valorização das histórias de vida para a construção da identidade dos

educadores do campo. Dessa forma, no primeiro momento foi solicitado aos alunos do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, que são também professores na zona rural, que estes escrevessem suas histórias de vida até a chegada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

A significância das histórias de vida na prática pedagógica, indubitavelmente contribui para o trabalho mais receptivo na transmissão dos conteúdos, uma vez que, ao conhecer as histórias de vidas dos alunos, o professor se permite conhecer o cotidiano desses sujeitos. A esse respeito, Alves (2008) destaca que:

(...) a trajetória de um trabalho no cotidiano precisa ir além do que foi aprendido com as virtualidades da modernidade, na qual o sentido da visão foi exaltado. É preciso executar um mergulho com todos os sentidos no que desejo estudar. (p.45)

Envolver as histórias de vida dos alunos em cada uma das oito disciplinas estudadas no primeiro semestre do curso, deu mais sentido aos assuntos discutidos e estudados em sala de aula, pois o estudo do cotidiano escolar, deve envolver “a reconstrução dos processos que se desencadeiam, desvelando suas múltiplas dimensões, refazendo seu movimento, apontando suas contradições, recuperando a força viva que nele está presente” (Sato & Souza, 2001, p. 42).

Diante dos objetivos que este trabalho se propôs a assumir, decidiu-se optar pela abordagem qualitativa e analisar os dados de forma descritiva e interpretativa. Nesse sentido, o que importa é o direcionamento que as ações de formação darão aos professores em formação.

Os participantes da pesquisa

Os participantes desta pesquisa são estudantes - professores do Curso de Licenciatura em Educação do Campo de uma Instituição Pública Federal no Norte do Brasil - coração da Amazônia Legal. Todos são professores dos Ensinos Infantil (0 a 6 anos) e Fundamental Maior e Menor (7 a 14 anos). O que não quer dizer que todos os alunos estejam na idade correta para o nível correspondente, pois no campo há muitos alunos que começam a estudar tarde, devido ao fato de precisar ajudar seus pais em casa e na lavoura, pesca ou outro trabalho campestre. Sessenta alunos em formação participaram da pesquisa ao escreverem voluntariamente suas histórias de vida.

Portanto, no universo desta pesquisa estão estes sujeitos, carentes de formação superior e responsáveis pela educação, disseminação e preservação cultural de suas comunidades.

Local

A coleta de dados foi feita em uma Instituição de Ensino Superior no Norte do Brasil – Amazônia, a qual está localizada no centro urbano de um município que se localiza no interior do Estado do Pará – Um dos Estados da Federação. A seleção desta Instituição como lócus da pesquisa, deu-se pela facilidade de proximidade da pesquisadora na recolha dos dados, devido à acessibilidade ao local e pelo fato de ser esta a primeira Instituição na cidade a valorizar as histórias de vida como estratégia pedagógica de ensino.

Procedimentos

A partir da seleção de cunho teórico-metodológico e dos objetivos aos quais este trabalho se propõe, decidiu-se adotar a abordagem qualitativa para desenvolver este estudo. De acordo com Minayo (1996) e Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa busca compreender e explicar a dinâmica das relações sociais, trabalhando com a vivência, a experiência, o cotidiano, o universo de significados, motivos e aspirações, questões muito particulares que não podem ser quantificadas. Permite que sejam analisados, descritos e interpretados os dados coletados, considerando-se seus efeitos no ambiente social. Possibilita o uso e desenvolvimento de uma variedade de recursos e de técnicas, e uma ampla liberdade teórico-metodológica para realizar o estudo.

É justamente a junção de teoria e prática que garantirá a estes sujeitos se reconhecer e conhecer melhor seu espaço social para dele retirar “O silenciamento, esquecimento e até o desinteresse sobre o rural nas pesquisas sociais e educacionais” (Arroyo, Caldart, & Molina, 2009, p. 8). Aprende-se que ao ressignificar os cenários, se produzem referenciais teóricos que humanizam o Campo, ao mesmo tempo que o grupo também se descobre e nasce uma outra percepção, um novo olhar, novos conceitos, etc..

Observa-se, portanto, que o grupo desliga-se de seus conceitos internalizados, para individual e colectivamente construir novos valores, crenças, compreendendo-os na totalidade, e, não, em detrimento dos conceitos do outro, do entendimento do outro de mundo, mas respeitando seu espaço e seu tempo, para que o grupo possa avançar e vislumbrar novas relações preocupadas em defender a vida, nos segmentos sociais, económicos, familiares, religiosos e políticos relativos ao Campo.

Resultados

Trabalhar a partir das histórias de vida dos alunos-professores e instigá-los a lutar por seus direitos e entender seus deveres dentro do processo ensino-aprendizagem, contribuiu indubitavelmente para a construção dos saberes dos sujeitos camponeses. As experiências apresentadas a partir dos relatos pessoais de cada aluno permitiram que os professores ministrantes do curso e os colegas de classe conhecessem melhor quem era o sujeito que estava ao seu lado. Isso fê-los refletir: algum dia não fui injusto com alguma ação inadequada em relação ao meu companheiro de classe por não conhecer a sua realidade? E a identidade? Como esta está a ser formada nesses sujeitos camponeses?

Esta é uma reflexão necessária, porque

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país. (Diretrizes Operacionais, Art. 2º, parágrafo único)

Ouvir quase sessenta relatos de alunos – na grande maioria agricultores – abriu caminho para uma reflexão a respeito de uma possível necessidade nas escolas dos Ensinos Fundamental e Médio: a inserção nos currículos destas escolas de atividades que considerem as histórias de vida dos alunos. Somente assim, eles serão mais valorizados e cumprimos o que diz a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, no seu artigo 2º:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (Brasil, 1996)

São muitas as mudanças que podem ser realizáveis a partir do cumprimento deste artigo. Uma delas é o direito que temos de inserir mudanças no currículo das escolas. Afinal, se não se tem voz, onde estão nossos direitos? Onde está esta cidadania que tanto se prega? Os alunos e os professores precisam tentar entender melhor um ao outro. É somente no momento em que se toma posse da alteridade que se conhecerá melhor o outro. Na educação não poderia ser diferente. Afinal, aprender a viver junto é um dos pilares da educação e com esta experiência foi possível perceber que conhecendo-se melhor a si mesmo, conhece-se melhor o outro.

Os relatos das histórias de vida contribuíram para alargar o conhecimento de todos os envolvidos neste trabalho sobre a verdadeira identidade do educador do campo e pode-se afirmar que é uma identidade que tem sido construída dia após dia. É uma identidade marcada por muito sofrimento, mas aliviada pela chegada da luz – saída do obscuro e encontro com o conhecimento crítico. As Instituições de Ensino Superior têm, então, um importante papel: formar cidadãos dotados de um novo olhar. Inserir na componente curricular Prática Educativa, as histórias de vida, foi fator relevante para a comprovação de que existe, sim, a possibilidade de se obter melhores resultados em um curso de graduação quando se conhece verdadeiramente o aluno e quando esse aluno também reflecte sobre o seu próprio eu: o que quer para si e para os seus futuros ou atuais alunos, afinal ele é um aluno-professor. Então, defende-se aqui a extensão do eixo História de vidas e construção de saberes a outros cursos de graduação de programas diferentes, pois uma prática educativa que não venha acompanhada de reflexão e da compreensão do outro, é pouco confiável.

Conclusão

Pode-se considerar que são vários os fatores que interferem e contribuem na formação da identidade dos sujeitos do campo. Por meio de uma consistente reflexão e oferta de políticas públicas de qualidade, que contemplem as necessidades desses sujeitos e valorizem sua cultura, haverá possibilidade de se entender com mais eficácia a Educação do Campo, nossos sujeitos e suas modificações no espaço e no tempo. Refletir, portanto, é papel de todos: alunos e professores, pois é preciso que cada um saiba e reconheça que mudanças pretendem e necessitam ter em seu espaço social. É a partir de transformações na sociedade por meio da implantação de projectos e programas – como o Procampo, por exemplo – que iremos visualizar o novo perfil de educador que queremos e merecemos ter no campo: um educador completo, que por conhecer a realidade camponesa, indubitavelmente atenderá com segurança às demandas existentes nas zonas rurais do Brasil. Em três anos de curso o programa Procampo já tem mudado a vida de muitos jovens na Amazônia. Certamente continuará transformando vidas, permitindo, assim, que os participantes do programa aproximem-se cada vez mais de um mundo que até há pouco tempo era distante de muitos deles. O acesso à educação superior foi ampliado e isso significa que muitos passos e medidas ainda poderão ser tomados na luta por uma educação do campo, para o campo e com qualidade.

Não é possível finalizar o debate sobre a construção da Educação do Campo, pois ainda há muita discussão a ser feita quanto à aplicação das políticas públicas que

atendam aos que vivem no campo e valorizem sua etnografia. É preciso manter vivo o debate que considere cidadania, terra, cultura, relações sociais, enfim que articule aquilo que se estuda com o que se vive na prática.

Referências Bibliográficas

- Alves, N. (2008). Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In I. B. Oliveira & N. Alves (Orgs.), *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas* (pp. 15-38). Petrópolis, RJ: DP et Al.
- Arroyo, M. G., Caldart, R. S., & Molina, M. C. (Orgs.). (2009). *Por uma educação do Campo*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Arroyo, M. G. (2000). *Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Aued, B. W., & Vendramini, C. R. (Org). (2009) *Educação do Campo – Desafios Teóricos e Práticos*. Florianópolis: Insular.
- Barbosa, A. I. (2012). *A organização do trabalho pedagógico na Licenciatura em Educação do Campo/UnB: do projeto às emergências e tramas do caminhar* (Doutorado em Educação). Universidade de Brasília, Brasília.
- Beisiegel, C. R. (1979). Paulo Freire: Elementos para a discussão do tema 'Pedagogia e Antipedagogia'. *Educação & Sociedade*, 3, ano I, 37 -43.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos* (M. J. Alves, S. B. dos Santos & T. M. Batista, Trad.). Porto/Portugal: Ed. Porto.
- Brasil. Senado Federal. (1996). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – 9394/96*. Brasília – DF.
- Caldart, R. S. (Org). (2010) *Caminhos para a transformação da Escola. Reflexões desde Práticas de Licenciatura em Educação do Campo*. São Paulo: Expressão popular.
- Fernandes, A. M. D., Rozenowicz, A., & Ferreira, J. (2004). Avaliação qualitativa e a construção de indicadores sociais: caminhos de uma pesquisa/intervenção em um projeto educacional. *Psicologia em estudo*, v.9, 2, 243-253.
- Freire, P. (1983). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Giroux, H. A. (1997). *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Medeiros, L. S. (2012). Latifúndio. In R. S. Caldart, I. B. Pereira, P. Alentejano, & G. Frigotto (Orgs.), *Dicionário da Educação do Campo* (pp. 445-453). Rio de Janeiro: Expressão Popular.
- Minayo, M. C. S. (1996). *O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec-Abrasco.
- Peres, A. N. (2011). *Educação Intercultural e Cidadania*. APAP: Chaves.
- Sato, L., & Souza, M. P. R. (2001). Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa etnográfica em psicologia. *Psicologia*, vol. 12, 2, 29-47.
- Souza, M. (1994). *Breve história da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero.

Rural Teachers' Construction of Identity: A New Perspective Related to the Rural Cultural Values

Abstract

This article aims to show some of the pedagogical contributions that rural teachers have received during their process of formation, based on the Procampo project - Bachelor's Degree Course in Rural Teaching Education, specifically, in the area of the Amazon, in Brazil, which is organized by several Brazilian Public Higher Education Institutions. With this study, the reader will understand that there is a new way to work in practice and theory in a Higher Education degree: the *Pedagogy of Alternation*, which is composed of two parts: *Academic Time and Community Time* and has eight leading themes - all of them related to the social environment in which rural teachers live. In this article, the focus will be on the first theme studied: History of life and the Building of Knowledge. The theoretical substantiation is based on some of the researches developed by Arroyo (2000), Arroyo, Caldart and Molina (2009), Caldart (2010), and Peres (2011).

Key-words: Rural Teachers; Pedagogy of Alternation; Identity

La Construction d'Identité de Professeurs Ruraux/d'Enseignants Ruraux: Un Nouveau Pas vers la Valorisation de la Culture Paysanne.

Résumé

Cet article prétend démontrer les apports pédagogiques que l'enseignant rural a reçu durant le processus de formation, par le biais du projet Procampo - Cours de Licence en Éducation rurale, notamment en Amazonie brésilienne, et dont l'organisation est prise en charge par plusieurs Institutions Publiques de l'Enseignement Supérieur Brésiliennes. Suite à cette étude, le lecteur comprendra qu'il existe une nouvelle manière de travailler dans la pratique et dans la théorie en un cursus académique: la pédagogie de l'alternance, composée de deux parties: le « Temps Académique » et le « Temps Communauté » et possède huit pôles d'orientation - tous en relation avec l'espace socio-environnemental dans lequel vivent les professeurs ruraux. Dans cet article sera mis en évidence le premier thème étudié: Histoire de Vie et Construction de Savoirs. Le fondement théorique s'appuie surtout sur Arroyo (2000), Arroyo, Caldart et Molina (2009), Caldart (2010) et Peres (2011).

Mots-clés: Enseignant rural; Pédagogie de l'alternance; Identité.